

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2



Natalia Colombo
(Organizadora)

**Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações 2 / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-454-2

DOI 10.22533/at.ed.542200810

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O segundo volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas concernentes à educação, processos históricos, tecnologias, capitalismo e suas rupturas, informação, globalização, interdisciplinaridade, relações jurídicas, rituais e especificidades culturais.

Abrimos o volume com capítulos relacionados à educação: abordando a escola como instituição social de maior relevância na formação de personalidade e convívio, desenvolvimento humano e sobre como o uso de fontes históricas, o processo de inclusão e exclusão socio espacial e acesso e uso de tecnologias interferem no processo de ensino e aprendizagem.

Na sequência reflexões sobre a vivência na formação de educadores, experiências poético-estéticas sobrepostas à ciência como base do conhecimento e a valorização dos saberes dos povos originários; abrem um debate sobre imposições formais e os benefícios na flexibilização da visão de uma única estrutura possível na construção do conhecimento.

Tais rupturas nos apresentam readequações nas leituras sobre o modo de vida na sociedade capitalista como a conhecemos e a adaptação iminente e necessária desse modelo pré-estabelecido.

Na sequência, o sujeito é apresentado como o centro do debate da crise da informação, globalização e instantaneidade; relações entre homem e máquina, inteligência artificial e novos discursos e visões de responsabilidade civil e jurídica.

Encerramos apresentando quatro capítulos que tratam de abordagens sobre as especificidades culturais nas relações humanas e debates sobre os papéis dos rituais na sociedade.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EDUCAÇÃO - UM DIREITO	
Adelcio Machado dos Santos	
Daniele Martins Leffe	
DOI 10.22533/at.ed.5422008101	
CAPÍTULO 2	8
DISTINÇÕES, RELAÇÕES E IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR	
Jocélia Barbosa Nogueira	
Maria Rita Santos da Silva	
Elenize Cristina Oliveira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5422008102	
CAPÍTULO 3	17
DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E ARTE: DA SUBJETIVAÇÃO À SALA DE AULA	
Ana Julia e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5422008103	
CAPÍTULO 4	25
ENSINO CARTOGRÁFICO NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE PRESIDENTE PRUDENTE: DESAFIOS SOB A PERSPECTIVA DO PROFESSOR	
Paulo Roberto Alves de Araujo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.5422008104	
CAPÍTULO 5	39
ARTE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO (UFT - TOCANTINÓPOLIS)	
Anna Flávia Martins Duarte	
Kênia Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5422008105	
CAPÍTULO 6	55
O QUE MAIS CONTA NA ESCRITA, MÉTODO OU SENSIBILIDADE? RELAÇÕES DE PODER NA ESCRITA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E AS POSSIBILIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO DOS NÃO-HISTORIADORES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.5422008106	

CAPÍTULO 7	69
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DO LAZER	
Joseli Vaz Fabricio	
Guilherme Nunes de Freitas	
Juliana Rodrigues da Silva	
Karine Aparecida dos Santos Vaz	
Renato Salla Braghin	
Diogo Bertella Foschiera	
DOI 10.22533/at.ed.5422008107	
CAPÍTULO 8	79
ARA WATASARA: CARTOFILIA DO RIO SOLIMÕES	
Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.5422008108	
CAPÍTULO 9	92
VIVÊNCIAS NO ASSENTAMENTO DO CONTESTADO-PR	
Eliandra Francielli Bini Jaskiw	
Luiz Fernando de Carli Lautert	
DOI 10.22533/at.ed.5422008109	
CAPÍTULO 10	102
O CAPITAL ENCURRALADO	
Atanásio Mykonios	
DOI 10.22533/at.ed.54220081010	
CAPÍTULO 11	117
PRÊT-À-PORTER: UMA ESTÉTICA DA VIDA CONTEMPORÂNEA	
Gabriel Liberato Duarte dos Reis	
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.54220081011	
CAPÍTULO 12	128
TRÊS INTENÇÕES, UM OLHAR: EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO COLETIVA DE PROJETOS DE PESQUISA DE DOUTORADO	
Larissa Silva Gonçalves	
Lúcia Maria Barbosa Lira	
Telma de Verçosa Roessing	
DOI 10.22533/at.ed.54220081012	
CAPÍTULO 13	141
DISCURSO JURÍDICO E PRÁTICAS SOCIAIS	
Heliud Luis Maia Moura	
DOI 10.22533/at.ed.54220081013	

CAPÍTULO 14	155
I.A.: CONSIDERAÇÕES JURÍDICAS E ASPECTOS ÉTICOS ACERCA DO ARTIFICIAL E NOVAS FORMAS DE INTELIGÊNCIA	
Mateus Catalani Pirani	
Daniel Stipanich Nostre	
DOI 10.22533/at.ed.54220081014	
CAPÍTULO 15	167
RESPONSABILIDADE PENAL DA PESSOA JURÍDICA NOS CRIMES ECONÔMICOS	
Maiara Motta	
Gabriel Moura Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.54220081015	
CAPÍTULO 16	181
RESPONSABILIDADE CIVIL MÉDICA E O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
Maiara Motta	
Kelly Cristina Canela	
DOI 10.22533/at.ed.54220081016	
CAPÍTULO 17	195
A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> EM <i>PASSAGEM PARA ARARAT</i> , DE MICHAEL ARLEN	
Dayse Oliveira Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.54220081017	
CAPÍTULO 18	202
RITUAL MÍSTICO-RELIGIOSO E TERAPIAS DE CURA NA CAVERNA SANTA TEREZINHA NA SERRA DO RONCADOR, COCALINHO - MATO GROSSO	
Nataly Aparecida Carvalho Neves Linhares	
DOI 10.22533/at.ed.54220081018	
CAPÍTULO 19	211
“ENTRE A CRUZ E A ESPADA”: A IMPORTÂNCIA DOS RITOS FÚNEBRES COMO PRÁTICA DE FÉ AINDA QUE DIANTE DE COIBIÇÃO HEGEMÔNICA	
Viviane Faria Lopes	
Emerson de Stefani	
DOI 10.22533/at.ed.54220081019	
CAPÍTULO 20	226
TROCAS AFETIVAS EM CONTEXTO DE INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ	
Clarice Bieler	
DOI 10.22533/at.ed.54220081020	
CAPÍTULO 21	236
DESAFIOS NO CUIDAR DOS IDOSOS: CONTRIBUTO DA METODOLOGIA DE CUIDADO HUMANIDADE NA REDUÇÃO DA ANSIEDADE DOS CUIDADORES	
Liliana Vanessa Lúcio Henriques	

Rosa Cândida Carvalho Pereira de Melo
Mónica Paula Lopes de Oliveira Pereira
Andreia Henriques
Maria Amélia Nabais Martins
Rafael Efraim Dias Geraldês Alves

DOI 10.22533/at.ed.54220081021

SOBRE A ORGANIZADORA.....	248
ÍNDICE REMISSIVO.....	249

CAPÍTULO 11

PRÊT-À-PORTER: UMA ESTÉTICA DA VIDA CONTEMPORÂNEA

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Gabriel Liberato Duarte dos Reis

UFCG

PPGCISH/UERN

Mossoró/RN

<http://lattes.cnpq.br/0351132190091535>

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

PUC/SP

UERN

(GECOM/UERN)

Mossoró/RN

<http://lattes.cnpq.br/4878147595860938>

RESUMO: Discutir e repensar essa temática da estética da vida contemporânea, torna-se pertinente por percebermos que estamos atravessados por uma grande crise que marca esse tempo presente. O modo como a questão geralmente é colocada hoje, nos distancia do que está no centro do problema: o sujeito. Nossas observações apostam no que parece configurar a verdadeira crise: a do sujeito tragado pelos novos ares da globalização, da informação, da instantaneidade, sujeito esse que é habitado pela cultura. A crise, assim, não seria necessariamente da sociedade contemporânea em seu caráter estrutural e simbólico, mas, à forma como essa sociedade tem convocado os sujeitos a se posicionar no mundo e na sua relação com o próximo. Para tal, será realizada uma revisão de literatura integrativa, buscando aproximações entre artigos levantados nos

documentos de referência. O propósito geral é reunir conhecimentos sobre o tópico, ajudando nas fundamentações do estudo. A crise, portanto, é a imagem que não entra na cena do projeto social de vida regida pelo consumo, a resposta mais evidente às demandas culturais não alcançadas, aquilo que escapa da estética da vida contemporânea prescrita no script *Prêt-à-porter* de ser.

PALAVRAS - CHAVE: Contemporaneidade. Cultura. Subjetividade. Estética. Crise.

PRÊT-À-PORTER: AESTHETICS OF CONTEMPORARY LIFE

ABSTRACT: Discussing and rethinking this theme of the aesthetics of contemporary life, becomes relevant because we realize that we are experiencing a great crisis that marks this present time. The way the question is usually asked today, distances us from what is at the center of the problem: the subject. Our observations bet on what seems to configure the real crisis: that of the subject swallowed by the new airs of globalization, of information, of instantaneity, a subject that is inhabited by culture. The crisis, therefore, would not necessarily be of contemporary society in its structural and symbolic character, but, in the way that this society has called the subjects to position themselves in the world and in their relationship with others. To this end, an integrative literature review will be carried out, looking for approximations between articles raised in the reference documents. The general purpose is to gather knowledge on the topic, helping with the study's rationale. The crisis, therefore, is the image that does not enter the scene of the

social project of life governed by consumption, the most evident response to unmet cultural demands, what escapes the aesthetics of contemporary life prescribed in the script *Prêt-à-porter* to be.

KEYWORDS: Contemporaneity. Culture. Subjectivity. Aesthetics. Crisis.

PARADOXOS DA CONTEMPORANEIDADE

Vivemos hoje uma educação na qual as famílias terceirizam o processo educativo dos filhos, preenchendo a infância em modalidades educativas que, desde cedo, tornam as crianças submetidas, geralmente a práticas de educação não formal, seja por meio de aulas de reforço, curso de idiomas, práticas de esportes, etc. Paradoxalmente, notícias na mídia escandalizam casos de jovens armados atirando em colegas durante a aula. Na saúde, novas doenças e transtornos são descobertos, ficando cada vez mais difícil estar saudável e viver sem precisar de algum tipo de tratamento de saúde. Na música, a massificação de alguns gêneros musicais em detrimento do empobrecimento das composições; simultaneamente, a ascensão dos “playlists” previamente escolhidas e caricaturadas que organizam nossas preferências musicais. No matrimônio colocamos no museu o obsoleto casamento tradicional – civil e religioso – aderimos ao “popularmente” conhecido “morando junto” ou, se juntar. O formato muda, todavia, o ordenamento ritualístico se dirige a outra esfera: a do consumo. Não pode faltar à viagem ou certa rotina ideal, a lista inclui: mobília do lar, academia, lugares (restaurantes, viagens), lazer, entre outros – já estão pré-definidos e pode ser encontrado nas lojas e agências – isso se sobreviver ao sexto mês e/ou o casal não for residir na casa dos genitores. No trabalho o percurso é simples: seja bem sucedido. Para isso, não importa a afinidade e o desejo com o que se propõe a fazer, se não conseguir a culpa é “sua”. Para esses casos, talvez um psicólogo ou psiquiatra resolva. No mundo digital o show do eu toma conta das redes sociais; pessoas cada vez mais conectadas e ligadas, mas sem que isso possibilite o contato face a face... De repente, para a surpresa de alguns, uma medida judicial suspende o *Whatsapp* por algumas horas e o caos se instaura: familiares são obrigados a se olharem e conversarem num almoço de rotina. Poderíamos escrever vários causos ilustrando o novo mundo.

Esse contexto tido como pós-moderno, é analisado aqui como atravessado por uma crise de mal-estar contemporâneo, própria desse mundo vitrine. O assunto não é novidade – de Zigmunt Bauman a Augusto Cury – muitos autores já discutiram sobre essa realidade, suas nuances e particularidades. Isso nos leva a questionar: será que não estamos diante de um falso problema? Não por arrogância ou pernosticidade, mas parece que o modo como a questão geralmente é colocada, nos distancia do que está no centro do problema: o sujeito.

Não é nosso objetivo fazer uma arqueologia do conceito de contemporâneo, mas evidenciar que alguns autores que já colaboraram na teorização do tema, sendo eles:

Jean-François Lyotard, Christopher Lasch, Marc Auge, Manuel Castells, Giorgio Agamben, Félix Guattari, Michel Foucault, Max Weber, Jürgen Habermas, Zygmunt Bauman, Gilles Lipovetsky, *Slavoj Žižek*, dentre outros.

Nossas observações apostam no que parece configurar a verdadeira crise: a do sujeito tragado pelos novos ares da globalização, da informação, da instantaneidade, sujeito esse que é habitado pela cultura, ou seja, a crise não seria necessariamente da sociedade contemporânea em seu caráter estrutural e simbólico, mas, à forma como essa sociedade tem convocado os sujeitos a se posicionar no mundo e na sua relação com o outro. O desafio do viver-juntos como diria Bauman.

Antes de tudo, é preciso destacar que a compreensão de sujeito e subjetivação evoca uma dimensão constitutiva do ser humano como um efeito de uma estrutura social, metaforicamente falando, sua gestação ontológica é determinada pela placenta cultural.

"A cultura constitui a herança social do ser humano: as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras." (MORIN, 2002, p. 64).

Para compreender esse sujeito, lança-se mão em pensar o discurso capitalista como principal balizador das respectivas transformações, de modo que as relações humanas e laço social são orientados pelo consumismo.

O estatuto de discursos econômicos não é apenas um saber sobre a troca de produção de riquezas, anterior a isso: é uma prática disciplinar, uma moral de modelos pedagógicos de como se deve agir, como desejar, sendo, portanto, sistemas normativos de produção de condutas e gestão social de subjetividades.

O mundo da moda, da aparência e da estética, construído pelas imagens voltadas ao consumismo, pode nos ajudar a pensar melhor nisso, esse mundo no qual tudo está pronto para todos consumirem a qualquer hora.

Prêt-à-porter

O surgimento do *Prêt-à-porter* não é gratuito. Da simplicidade das costureiras aos refinados "*maisons*", até o início do século XX, as roupas em geral eram feitas artesanalmente, peça a peça era confeccionada sob encomenda, eram produções exclusivas e feita para uma única pessoa. Era única não porque as costureiras ou alfaiates não conseguiam produzir roupas similares e em grandes quantidades, mas, principalmente, porque não passava pela dialética da oferta e da procura uma lógica de consumo em massa de um produto idêntico. Não é o objetivo, aqui, aprofundarmos nos estudos dos pormenores do mundo da moda, contudo, nosso esforço é tentar demonstrar e aproximar a relevância das rupturas e consequências causadas pelo pioneirismo revolucionário desse novo conceito.

A expressão de origem francesa significa "pronto para vestir". Implica na criação e produção de roupas em escala industrial – em detrimento da alta costura. Em linhas

gerais, é isso que nos indica Gabardo (2012), após sucessivas crises dos primeiros anos do século XX e culminando com a segunda guerra mundial, quando a Europa se recuperava estruturalmente e muitas cidades eram reerguidas dos escombros, a escassez de dinheiro ocasionou algumas restrições econômicas e o momento vivido não era apropriado para extravagâncias; logo, o movimento nas *maisons* enfraqueceu (GABARDO, 2012). Nesse sentido, o *Prêt-à-porter* chega inicialmente como uma alternativa encontrada pelos renomados estilistas para sobreviver financeiramente às circunstâncias da época.

O movimento iniciado pelo *Prêt-à-porter* possibilita a massificação do desejo na medida em que organiza o padrão de consumo e representa o início de certa normatividade estética. Instaure-se a compulsão por um novo jeito de vestir-se, que atravessado por um ideal de imagem de si transforma a relação das pessoas com seu objeto de consumo e, fundamentalmente, com seu próprio desejo.

Outro atributo relevante seria no que concerne a “assinatura”, a marca. Não é somente a roupa que está cobrindo o corpo por meio de um tecido, mas, simbolicamente, o que representa para o sujeito poder usar/consumir determinada vestimenta (marca) em dado contexto cultural, ou seja, vestir-se de um tecido social. Eis que surgia às coleções/tendências: peças de roupas idênticas e com tamanhos fixos. Isso constrói certo tipo de sujeito no mercado e na cultura, um sujeito expropriado de suas próprias características e marcado pela identificação coletiva em torno de uma mesma estética de vida, na qual a imagem assume um papel fundamental na sua relação com o outro.

A condição humana

O humano, esse ser dotado de memória e consciência, só se torna possível a partir da cultura. O sopro de vida é a cultura, ela precede a existência e possibilita a produção simbólica do homem, assim, como ressaltou Morin, nota-se que o *homo sapiens* só se realiza plenamente na e pela cultura (2002). É possível aproximar a interdependência da vida ao carbono com o ser humano e a cultura, onde percebemos a determinação do elemento cultural na construção de toda uma rede de sentidos que permeia e possibilita a existência humana. Segundo Morin:

“A cultura é, repitamos, constituída pelo conjunto de hábitos, costumes, práticas, *savoir faire*, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social. A cultura acumula o que é conservado, transmitido, aprendido e comporta vários princípios de aquisição e programas de ação. O primeiro capital humano é a cultura. O ser humano, sem ela, seria um primata do mais baixo escalão.” (MORIN, 2002, p. 35).

A cultura não é algo que existe simplesmente em sua concretude material/física para prover as necessidades fisiológicas. Fundamentalmente, ela é matéria prima (linguagem) que permite que ocorra a constituição da subjetividade. Nela contém a substância que

possibilita a fabricação do homem. Por meio dela, desde bebê somos impregnados pelo mundo dos sentidos e, assim, recebemos a herança geracional que vai nos enfeitiçar por toda a vida: a palavra. Aqui o termo “sentidos” extrapola a fronteira somática e corpórea do sistema sensorial.

O animal homem utiliza a palavra para se encontrar em suas trocas e experiências com o meio, usando a imagem como representação que pode fundir-se e ligar-se no mundo do outro, criando, deste modo, o mundo compartilhado e o sentimento de existência. Segundo Todorov (1996, p. 78): “A linguagem é por si só social, visto que provem de outros homens que nos antecederam, e sua aquisição consagra a entrada definitiva e irreversível da criança na existência.”.

Nas palavras de Cyrulnik (2006) esse seria o encantamento com o mundo: o humano tem condições de historicizar aquilo que experiencia nas suas vivências, fazendo da sua vida uma cadeia articulada de sentidos que se entrelaçam e formam o que conhecemos por consciência, ou seja, a cultura é solo onde a “coisa humana” será cultivada.

Nesse sentido, a civilidade resolve o estar (só) no universo – a solidão, e, por conseguinte, cria uma estrutura sociocultural que através da linguagem dá sentido ao universo e a si próprio. Porém, a vida em sociedade traria consigo a construção de um sistema de regulamentações e disposições que determinaria as condições para esse homem viver coletivamente. Sua constituição se dá com sentimentos ambivalentes, pois se encontra no outro sua fonte de satisfação e que confere sentido à sua vida, bem como, fonte de desconforto e desprazer, comprometendo sua liberdade em diversos espectros, de modo que até seus desejos e necessidades mais íntimas, são privados por algum tipo imposição cultural.

Assim pensava Freud sobre a condição humana, desamparada por natureza e refém da chaga ontológica cultural. Em suas reflexões sobre a cultura, Freud (1996) crava como causa do mal-estar no mundo os conflitos entre o que o sujeito deseja e o que a cultura lhe exige. Para sobreviver em harmonia, à civilização consegue colocar dentro do próprio indivíduo um agente (superego) que possa controlar ele mesmo, dominando este perigoso impulso a transgressão, causando assim, o sentimento de culpa. O sujeito freudiano aparece atravessado pela moral civilizatória, o mal-estar é entendido como angústia, consequência da renúncia pulsional imposta pela exigência cívica que impede a vivência de alguns sentimentos de prazer, estabelecendo regras para a relação do sujeito com os outros e com seu próprio desejo.

Se numa ponta temos o projeto de felicidade, do outro, temos as restrições para sua plena realização. Esse paradoxo da cultura foi percebido por Freud em *O mal-estar na civilização* (1996). Sempre buscamos a felicidade, mesmo que seja por um precioso instante capaz de afastar-nos das perturbações da vida; entretanto, observamos que o esboço de felicidade, tal como imposto por nossa regulação psíquica, sob o comando do princípio do prazer, está fadada ao fracasso, pois todas as normas do universo lhe são

opostas. Freud aponta três principais fontes de sofrimento que acometem o sujeito e que impossibilitam a felicidade: o próprio corpo, o mundo externo (forças da natureza) e o relacionamento com seu semelhante (cultura), sendo o último, a mais penosa das três anteriormente citadas.

A condição humana é marcada, assim, por ambiguidades e paradoxos. Com a fábula do porco-espinho, da qual falava Arthur Schopenhauer (*apud Freud*, 2011, p.56), Freud nos mostra isto:

“Num dia frio de inverno, um grupo de porcos-espinhos se aconchegou bastante, para se esquentarem mutuamente e não morrerem de frio. Contudo, logo sentiram os espinhos uns dos outros, o que os fez novamente se afastarem. E quando a necessidade de aquecimento os aproximava de novo, repetia-se o segundo mal, de modo que eram impelidos de um sofrimento para o outro, até acharem uma distância média que lhes permitisse suportar o fato da melhor maneira.”

Para Freud,

“As provas da psicanálise demonstram que quase toda relação emocional íntima entre duas pessoas que perdura por certo tempo - casamento, amizade, as relações entre pais e filhos - contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência da repressão” (1921, p.62).

Em outras palavras, as mesmas relações que possibilitam a existência humana, são, exatamente, as mesmas que provocam sofrimentos. As relações humanas afetivas trazem, em si, os mesmos paradoxos constitutivos da cultura. Toda cultura funciona com esse paradoxo: “Uma cultura orienta, desenvolve, domestica certas virtualidades humanas, mas inibe ou proíbe outras” (Morin, 2002, p.14).

A partir das leituras de Freud, Morin e Cyrulnik, dirigimos nosso pensamento para conceber a condição humana subordinada pelas normas da cultura. Como ressaltou Cyrulnik (1999, p.7): “Todos os nossos sofrimentos vêm daí, mas seria bem pior se estivéssemos só, sem ambiente. É por isso que nos precipitamos uns em direção dos outros, seduzindo-nos mutuamente, e, depois, sofremos com essa captura desejada.”.

Tudo está atravessado pelo sentido que construímos, até o significado das emoções em uma sociedade, como por exemplo, o amor. Ele é universal? Todos o sentem e o compreendem da mesma forma? Evidentemente que não, basta perguntar aos adeptos do recente amor livre e/ou poliamor. Percebemos, com isso, que a experiência humana é marcada pelo sentido. Aquilo que construímos nas narrativas e das narrativas culturais e traduzidos pela racionalidade, encontra sua gramática na cultura. Se compreendermos tais pressupostos em sua radicalidade, perceberemos que a representação que uma expressão comporta, pode não estar em sintonia ao que o corpo está sentindo ou compartilhando, mas sim, ao que é esperado pela sociedade em determinada circunstância. Nesse sentido, Le Breton estabelece relações entre a afetividade e o vínculo social. Para ele: “a existência

é um fio contínuo de sentimentos mais ou menos difusos, os quais podem mudar e contradizer-se com o passar do tempo e de acordo com as circunstâncias (LE BRETON, 2009, p.111).”. Segundo o mesmo:

“O sentimento manifesta uma combinação de sensações corporais, de gestos e significados culturais apreendidos por intermédio das relações sociais. A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo.” (LE BRETON, 2009, p.113).

A cultura - enquanto linguagem – demarca a superfície constitutiva da subjetividade, oferecendo condições para que cada pessoa construa sua identidade. Esse processo ocorre por meio da alienação das imagens presentes no campo social. Seguindo Bauman, as possíveis respostas para às perguntas, “Quem sou eu?”, “Qual é meu lugar no mundo?”, “Por que estou aqui?”, precisam ser criadas, tal como são criadas as obras de arte (2009). É justamente no horizonte da invenção e da criação que o sujeito constrói uma história para sua vida. Mas, para o sujeito contemporâneo, a história já está escrita e contada, o saber já está pronto e revelado, restando apenas à escolha da reprodução desses saberes. Ou seja, aderindo e seguindo *scripts* existenciais inseridos no modo *Pret-à-Porter* de ser.

Século XXI

As grandes multidões, a produção industrial em grande escala e o consumo exagerado é característico daquilo que Edgar Morin chama de cultura de massa. Ou seja: “... a cultura de massa.... constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas” (MORIN 2002, p.15). Para ele, presenciamos no século XXI uma outra colonização e uma outra industrialização. A colonização é aquela que deixa de ocorrer na superfície física dos territórios, passando à superfície íntima do pensamento, do ser, penetrando na grande reserva que é a alma humana. “A alma é a nova África...” como ele mesmo diz (MORIN, 2002, p. 13). A outra industrialização é aquela que passa a ocorrer no espírito, que penetra no domínio interior do homem e aí derrama suas mercadorias para serem consumidas como desejos, sonhos, ideias, valores, reconhecimentos etc. A exploração e expansão desse mercado acontece estimulando, produzindo, multiplicando e desenvolvendo cada vez mais o modo *Prêt-à-porter* que atua sobre os corpos e as subjetividades humanas contemporâneas. Com isso, percebemos a produção e o consumo de uma vida planejada, fabricada e comercializada em grande escala, logo, não estimula a existência da alteridade, do outro, da diferença. Nas palavras de Morin acontece, assim, uma homogeneização da produção que se prolonga em homogeneização do consumo que tende a atenuar as barreiras entre idades (2002, p.39).

Somos levados a pensar que este século nos coloca no centro de nossas próprias interrogações, pois estamos diante de novos modos de ser, sentir e se colocar diante dos

outros._

Alguém poderia questionar que “não se faz mais homens como antigamente”, ou que “as mulheres não são como em outrora”, ou que “não trabalhamos mais como nossos pais”, quiçá, transamos como nossos avós. Tudo está diferente, das gerações coca-cola, geração y ou z, até mesmo a recente geração “nutela” e a “raiz”. Está sendo experienciado modificações em todas as esferas da vida: no social, na saúde, na educação, na política, na economia, no trabalho, nas ciências, nos relacionamentos, na religião e nos afetos humanos, sobretudo, nesse mundo líquido do qual fala Bauman. Essa vida mercantilizada está a todo vapor e produz, simultaneamente, inquietações, desejos e profundas transformações socioculturais e subjetivas.

Como uma das testemunhas do século XX, Walter Benjamin apresenta-nos sua leitura acerca das causas do mal-estar na modernidade, proporcionado, sobretudo, pela intensificação do capitalismo, pela industrialização de grandes centros urbanos e metrópoles. Benjamin revela que a apreensão da temporalidade moderna está intrinsecamente ligada ao processo de produção capitalista, representado pela fragmentação inerente ao tempo da produção e do caráter obsolecente e fetichista da mercadoria, novidade sempre em vias de tornar-se lixo (BENJAMIN, 1994). Nessa sociedade da produção e da descartabilidade das coisas, o luxo rapidamente se transforma em lixo.

As instituições e organizações estão cada vez mais sendo esvaziadas de valores e significados. O saber, o poder, o trabalho, o exército, a família, a Igreja, já não estão em funcionamento como princípios norteadores de ações e condutas éticas do sujeito no mundo. Assim, faz sentido, como Benjamin, nos questionar: como, então, elaborar narrativamente os sentidos da vida em nossos tempos, que não se estruturam em torno de referenciais anteriormente consolidados e que demarcavam uma unidade cultural?

Vitrine da vida contemporânea

Como falamos até aqui, é essa cultura que estimula e produz o estilo de vida *Prêt-à-porter*, algo que ocorre na tentativa de significar a vida como saída para os impasses do sujeito. Por força de contingenciamentos ou não, o que os estilistas conseguiram inventar representou algo de ordem muito mais ampla, provocando, ao mesmo tempo, um corte cirúrgico na dinâmica social mercadológica, como também, criou um dispositivo que personifica um antídoto no horizonte de crise. Percebe-se a intersecção entre a oferta e a procura e, como isso, gere nossos hábitos, nossas escolhas e legisla nosso ideal estético. A alta costura não permite a confecção de réplicas, cada peça existe em sua unicidade – por isso o preço elevado e a supervalorização. Isso, de cara, restringiria o público. Mas com a democratização *Prêt-à-porter*, as roupas de etiqueta (com a rubrica do estilista famoso) estão ao alcance de todos, basta fazer um esforço aqui, uma economia ali, e, finalmente, é comprado um pedaço do tecido social que presumidamente garantiria uma dose de bem estar e felicidade. Nesse mal-estar generalizado da cultura contemporânea.

A crise existe num processo em busca de legitimidade que é, sempre e necessariamente, construído na dialogia com o outro. A cultura com seus interditos acusa a coisa faltante em nossas vidas, a possível causa da nossa não felicidade – claro, ela aparece implicitamente em forma de demanda. Nesse sentido, a crise cria e é criada por novos dispositivos que tentam uma saída da mesma, ou seja, oferecendo referenciais para orientação dos desejos desses sujeitos. A noção de dispositivo aqui empregado está de acordo com a concepção de Agamben, para quem o dispositivo é:

“... dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fabricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder e em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma (...)” (AGAMBEN, 2007, p. 13).

As figuras que historicamente serviam de referencialidades para a constituição do sujeito não desapareceram. Pelo contrário, elas existem (igrejas, família conservadora, instituições totais, corporativismo, etc.) e são ovacionadas pela velha guarda que viveu o auge de sua representatividade em décadas passadas. Tudo leva a crer que essas referências perderam sua capacidade de identificação, de operar simbolicamente, sobrando um ser humano nu diante do mundo e que precisa se vestir de imagens. Carentes de imagens de si, terminam se vestindo de imagens produzidas em grandes escalas pelo mercado. Assim, agarra-se em algo para escapar da avalanche de informações e possibilidades.

O sujeito contemporâneo encontra-se exposto e se expõe à imagens e propagandas, a dispositivos de sociabilidade virtuais veiculadas em *gadgets*. Percebemos isso por meio da circulação da vida em torno do consumo, associada a velocidade e ao esvaziamento da narrativa do sujeito histórico de nossa época. O mundo contemporâneo traz a “emancipação” dos padrões morais, liberta do dever, mas não sem um preço. A contrapartida humana é se acorrentar a um imperativo – “goze, seja feliz!” – e entrega a chave a um carcereiro mercenário.

Regida pelos imperativos de gozo, a vida contemporânea demanda que o sujeito goze incessantemente. Para isso, o mercado se adapta as tais exigências oferecendo condições para que ocorra. Assim, um possível componente nocivo à vida é retirado e dessubstancializado das suas propriedades vitais. Žizek descreve muito bem essa postura atual de rejeição a toda a essência “negativa” que cada realidade impõe. Para atender o imperativo cultural, são apresentados atalhos que colocam à margem o “mal” presente em uma determinada experiência, na medida em que cria-se um recurso para seguir consumindo ininterruptamente, livres de ônus, pecado e/ou culpa (2003). Vivemos em tempos de leite sem lactose, doce sem açúcar, cerveja sem álcool, cigarro sem nicotina,

carne sem gordura, café sem cafeína, sexo com o outro sem toca-lo (online). São ofertas de alternativas para passar pelos prazeres da vida sem necessariamente sofrer os extravios impostos, ou seja, uma forma de burlar as consequências do consumo.

O discurso capitalista - esse que parece ser a única narrativa possível para nosso tempo - alicerçado nas palafitas do neoliberalismo, comercializa a ilusão de um refúgio seguro e protegido contra as intemperes da crise contemporânea. O advento do neoliberalismo representa um novo estágio *ethos* do capitalismo, distinto da ética do trabalho do mundo moderno; é definido não só por novas relações do mundo do trabalho, mas por uma nova forma de socializar, de conceber a família, o trabalho, a escola, o estado, o corpo. Isso representa o advento de uma nova gramática para expressão de indivíduo, fornecendo valores para a constituição da noção de sujeito na contemporaneidade.

Ora, se tudo posso, se somos iguais e todos os horizontes me são possíveis, é claro que isso abre infinitos caminhos para conduzirmos nossas jornadas existenciais, ao passo que, o mesmo princípio liberta e paralisa. Segundo Morin (2002, p. 36): “A cultura é o que permite aprender e conhecer, mas também é o que impede de aprender e de conhecer fora dos seus imperativos e das suas normas, havendo, então, antagonismo entre o espírito autônomo e sua cultura.”. Liberdade, nesse sentido, não significa autonomia, já que o sujeito contemporâneo segue a lógica heteronômica do “pronto para vestir” – *Prêt-à-porter*. Nesse movimento, cada vez mais adentrando em um espaço impessoal que é reproduzido como de ordem pessoal.

O cerne da questão passa pela dimensão performática em ser reconhecido pelo outro em determinados modos de ser, viver e sentir. Tudo isso, induzidos pelo sistema de relacionamentos, de valores e de crenças nos quais um indivíduo se desenvolve. Segundo Morin (2002, p. 77): “Em outras palavras, é por meio do estético que se estabelece a relação de consumo imaginário.” Mas é por meio desse consumo imaginário que, retroativamente, se constrói essa estética do tempo presente a que chamamos *Prêt-à-porter*.

Inconclusões

A sociedade está se transformando e apresenta uma série de mudanças. Como apontada por Bauman em sua literatura da liquidez, o fascínio pela felicidade poderia ser traduzido em forma de imperativo cultural que, simultaneamente, ordena e autoriza o sujeito a viver a experiência de vida e da felicidade a todo custo. Pode-se nomina-las de conquistas, seja material ou simbólica, chegar lá, ser feliz – passar pela vida –, torna-se um movimento de reconhecimento do outro em relação ao que cada um conseguiu fazer com o imperativo inicial que dava largada a corrida da felicidade. Na contemporaneidade, a vida parece está orientada pela bússola do consumo, uma obrigatoriedade para que o cidadão lute pela sua felicidade a qualquer preço, ficando esse sentimento atrelado ao poder de compra, supostamente, a forma mais acessível de conseguir.

Como na experiência da moda, percebemos que não é simplesmente uma inovação

no sentido comercial na produção e *designer* das roupas – do *business* –, mas anterior a isso, funda-se uma nova maneira de consumir, criando uma demanda por algo que até então não existia. Cria-se, assim, o consumidor e não o produto. Na verdade, a criação do consumidor se torna o grande produto para o mercado, este que tem fome e sede de consumir outros produtos. Nesse mundo de vitrines, imagens e produtos, nada está pronto que não possa ser desfeito, refeito, inovado. Inclusive os sujeitos que vivem essa cultura do *Prêt-à-porter*.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assman. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Nós, os artistas da vida**. In: A Arte da Vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Obras escolhidas, v. 1.).

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa: Instituto Piaget, Bertrand Brasil, 1999.

_____. Boris. **Falar de amor a beira do abismo**. Editora Martins Fontes, 1ª. edição. São Paulo, 2006.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard. Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1930).

_____. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Trabalho original publicado em 1921)

GABARDO, Vanessa. *Prêt-à-porter*. In: **Revista Clichê**. 2012. Disponível em: <<http://www.revistacliche.com.br/2012/03/pret-a-porter/>>. Acesso em: 15 de Julho de 2019

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORIN, Edgar. **O método V: a humanidade da humanidade: a identidade humana**. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. 9ª Ed, 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum: ensaio de antropologia geral**. Tradução: Denise Bottmann e Eleonora Bottmann. Campinas: Papirus, 1996.

ZIZEK, Slavoj. **O hedonismo envergonhado, caderno Mais!**. Folha de São Paulo, 19 de outubro de 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200303.htm>>. Acesso em: 09 de Abril de 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adequação 13, 41, 102, 104, 105, 108, 109, 111

Alienação 10, 11, 110, 123

Anteprojeto do Novo Código Penal 167, 174, 175

B

Bem Viver 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101

Bioética 181, 182, 191, 193, 194

C

Cartografia 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38

Ciência 4, 19, 24, 26, 27, 59, 60, 61, 72, 79, 97, 102, 103, 104, 110, 113, 133, 140, 155, 182, 213, 214, 217, 223, 225

Consumo 100, 103, 111, 117, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 171, 191, 248

Contemporaneidade 42, 117, 118, 126, 204

Crimes Econômicos 167, 168, 177, 180

Crise 6, 102, 103, 104, 105, 111, 114, 117, 118, 119, 124, 125, 126, 135

Cultura 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 39, 41, 43, 45, 49, 52, 53, 54, 57, 79, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 134, 135, 136, 139, 144, 150, 157, 195, 196, 212, 213, 221, 226, 228, 231, 232, 248

D

Desenvolvimento Emocional 226, 227, 231, 233

Desenvolvimento Humano 8, 10, 11, 12, 15, 128, 129, 136, 226, 227, 228

Didática da História 67

Direito 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 41, 48, 55, 58, 63, 84, 128, 129, 139, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 212, 218, 223, 224, 225

Direito Digital 155

Discurso Jurídico 141, 142, 143, 144, 145

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 26, 27, 28, 32, 33, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 118, 124, 128, 129, 133, 134, 135, 141, 150, 193, 210, 223, 245, 247

Espeleoterapia 202

Espeleoturismo 202, 209

Estados-Nacionais 102, 103, 105, 108, 111, 113, 114

Estágio 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 93, 126

Estética 19, 21, 23, 42, 79, 84, 117, 119, 120, 126

Ethos 126, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 224

Ética 52, 56, 68, 94, 97, 99, 126, 155, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 184, 186, 191, 192, 193, 194, 217

Evolução 72, 106, 107, 155, 156, 157, 158, 160, 163, 164, 168, 228

F

Fontes Imagéticas 17, 18, 20

Formação Docente 41, 44, 45, 47, 48, 53, 54, 69, 70, 77, 78

G

Genocídio 195, 197, 198, 199

I

Inteligência Artificial 110, 155, 156, 158, 161, 162, 163, 164

Interdisciplinaridade 39, 44, 45, 46, 47, 53, 54, 128, 137

L

Legalidade 169, 174, 211, 217, 218, 222

Linguagem 9, 11, 12, 13, 14, 16, 25, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 47, 48, 55, 58, 101, 120, 121, 123, 125, 139, 141, 142, 143, 144, 154, 186, 188, 228, 232, 233

M

Marxismo 8, 11, 64, 139

Memórias 80, 82, 91, 135, 137, 163, 195, 215

N

Natureza 5, 6, 9, 11, 12, 21, 27, 28, 32, 42, 44, 45, 49, 64, 71, 72, 73, 79, 83, 93, 94, 95, 98, 100, 103, 105, 109, 110, 113, 121, 122, 131, 133, 144, 150, 151, 158, 162, 163, 173, 209, 212, 215, 216, 220

Normatização 55

P

Pesquisa 3, 6, 8, 10, 17, 26, 34, 36, 37, 46, 54, 55, 56, 64, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 179, 183, 202, 205, 210, 213, 222

Práticas Sociais 132, 134, 141, 143, 144, 145, 217

Privacidade 155, 156, 158, 159, 160, 161, 165, 239

Produção de valor 102, 104, 106, 115

Produção e recepção 55

R

Relações de Poder 55, 60, 108, 142

Religião 124, 187, 202, 204, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 220, 222

Representações 24, 30, 99, 131, 210, 214, 215, 231

Responsabilidade Civil Médica 181, 190

Responsabilidade Penal Da Pessoa Jurídica 167, 168, 171, 173, 174, 175, 176, 178, 180

Retórica 146, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 195, 201

Ritos fúnebres 211, 213, 220

S

Sistema Financeiro 102, 103, 105, 108, 109, 113, 114, 175

Subjetividade 17, 21, 22, 23, 112, 117, 120, 123

T

Tecnologias 38, 39, 40, 47, 48, 49, 53, 54, 157, 160, 162, 164, 168, 248

Teoria Histórico-Cultural 8, 16

Trocas Afetivas 226, 228, 230, 231, 233

Turismo de saúde 202, 209

V

Viagem 79, 80, 81, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 118, 197, 199, 200

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 